

MOMENTOS NO COTIDIANO: ENTRE A ROTINA PROGRAMADA E SUAS FISSURAS

Ana Carolina Andreatta¹

accandreatta@gmail.com

Resumo

O cotidiano é uma categoria de análise relativamente recente à sociologia e a outras ciências sociais. É aquilo de todos os dias, que é comum. O cotidiano é o meio da reprodução da vida social, do trabalho e do lazer. Assim, acaba por ser também o meio da alienação. Justamente por ser o meio da alienação, é nele também que potencialmente emergem momentos de descontinuidade do cotidiano programado, a partir de insurgências que miram transformações efetivas na vida social. A partir das contribuições de Lefebvre e Heller, ambas em diálogo com o subsídio marxiano, podemos inferir diferentes perspectivas de futuro portadores da emancipação do atual sistema – planejador, programador e alienador – capitalista. Se o cotidiano se apresenta enquanto locus da reprodução dos valores do atual modo de exploração é nele também que a práxis revolucionária acontece.

Palavras-chave: Cotidiano, Alienação, Momento, Suspensão do cotidiano, Insurgências.

MOMENTS IN EVERY LIFE: BETWEEN THE PROGRAMMED ROUTINE AND ITS CRACK MOMENTS.

Abstract

The everyday life is a relatively recent category of analysis of sociology and other social sciences. The everyday is the place where the reproduction of social life occurs. Thus, it is also the place for alienation. Precisely because of that, it is also in it that potentially emerge moments of discontinuity of the programmed daily, from insurgencies that aim effective changes in social life. From the contributions of Lefebvre and Heller, both in dialogue with the Marxian subsidy, we can infer different perspectives of the emancipatory futures to break up with the current - planner, programmer and alienator – capitalist system. If daily life presents itself as a locus of reproduction of the values of the present mode of exploitation, it is also in it that the revolutionary praxis happens.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da PUC-Rio

Key-words: Everyday life, Alienation, Moment, Suspension of everyday life, Insurgencies.

Introdução

O cotidiano é uma categoria de análise relativamente recente à sociologia e a outras ciências sociais. De acordo com Martins (1998, p. 1) esse interesse decorreu, de certa forma, da descrença na História, ou num “ceticismo decorrente das desilusões que tem acompanhado a notável capacidade de auto-regeneração da sociedade capitalista.”. Movimento este que levou a sociologia a direcionar seu foco para questões do agora e do dia-a-dia.

Pela etimologia da palavra, cotidiano, do latim *quotidianum*, é aquilo de todos os dias, que é comum. Ele pode ser compreendido como a dimensão do espaço em que se vive, se produz e se pensa. O cotidiano é o meio da reprodução da vida social, do trabalho e do lazer. Assim, acaba por ser também o meio da alienação. Conforme Heller (2014, p. 57) destaca: “A vida cotidiana, de todas as esferas da realidade, é aquela que mais se presta à alienação”.

Justamente por ser o meio da alienação, é nele também que potencialmente emergem momentos de desalienação. Ou, pelo menos, de descontinuidade do cotidiano programado, a partir de insurgências que miram transformações efetivas na vida social. Portanto, não se deve reduzir o cotidiano apenas ao espaço da repetição de costumes diários. Deve-se compreendê-lo enquanto dimensão do espaço na qual coexistem expressões do senso-comum com ações transformadoras.

As insurgências aparecem como quebras do ritmo programado do cotidiano. Suspensões do cotidiano, mas que não se descolam deste. Insurgências que são provocadas exatamente pelo inconformismo com a planificação do cotidiano.

O objetivo deste trabalho é explorar as contribuições de autores centrais na discussão acerca do cotidiano, centrando a análise nas potencialidades desalienadoras de momentos do cotidiano.

Conforme Lefebvre, o cotidiano, além do lugar da alienação, é o lugar do possível-impossível. Mirando o impossível, acreditamos que ações transformadoras são aquelas que alteram as possibilidades e a programação do cotidiano, abrindo portas para construção de novos valores e costumes na sociedade.

Cotidiano e a vida cotidiana: conflitos entre o indivíduo e o homem-genérico

“A vida cotidiana é a vida de todo homem” (HELLER, 2014, p. 31).

A vida cotidiana é heterogênea e hierárquica, pois ocorre sobre as estruturas econômico-sociais da sociedade. Essas estruturas que lhe conferem a condição de ser orgânica. O indivíduo que vivencia ativamente sua cotidianidade é o adulto. Heller (2014, p. 33) define o humano adulto como aquele que tem capacidade de assimilar a manipulação das coisas.

O adulto aqui representado não se refere a uma idade específica, ou à biologia do amadurecimento. O amadurecimento referenciado é um processo de assimilação que ocorre por meio de trocas sociais. Essas trocas costumam ocorrer dentro de grupos sociais como a família, a escola e a comunidade. É um processo de assimilação de costumes e valores ético-morais. Esses grupos funcionam, então, como mediações entre o indivíduo e elementos da cotidianidade.

A vida cotidiana não é ahistórica, pelo contrário, como destaca Heller (2014, p. 34), ela está no “centro’ do acontecer histórico: é a verdadeira essência da substância social”. Dessa forma, os costumes apreendidos pelo adulto que assimila sua cotidianidade são costumes históricos, impregnados de costumes anteriores a sua historicidade. Heller (2014, p. 34) ainda destaca que:

O que assimila a cotidianidade de sua época, assimila também, com isso, o passado da humanidade embora tal assimilação possa não ser consciente, mas apenas “em-si”.

A vida cotidiana é a essência da substância social, pois é nela que o indivíduo se produz enquanto ser social. Na cotidianidade que o adulto a partir

da autorreflexão e da interação com grupos sociais assimila os costumes e valores e age guiado por essa assimilação.

O caráter heterogêneo e hierárquico da vida cotidiana emerge disto. A vida cotidiana, sendo a vida de todo homem, é o meio da junção de diferentes homens – e diferentes individualidades - logo, de caráter heterogêneo. Hierárquica, pois os valores e costumes aos quais o adulto se expõe são construídos – de forma histórica e dinâmica – a partir de uma estrutura socioeconômica que confere poder a certos grupos sociais. Porém, vale destacar que a hierarquia não é rígida. Como esta decorre de acontecimentos – criações, assimilações e reproduções de valores – ela está sujeita a um movimento histórico dinâmico.

O cotidiano é o lugar social de duas expressões do homem. Ele enquanto indivíduo e enquanto humano-genérico. Essa categoria marxista é apropriada por Heller (2004, p. 04, apud MENDES E HORN, 2015, p. 6292) que explica que “tudo aquilo que faz parte do ser genérico do homem e contribui, direta ou mediatamente, para a explicação desse ser genérico” seria a expressão humano-genérica. Ou seja, seria a representação do homem do não-cotidiano, da suspensão abstrata da cotidianidade. O humano-genérico é a categoria de abstração em que pensamos de forma geral o que caracteriza o ser humano. Não de uma maneira imutável, o humano-genérico também é consequência de um processo histórico de interações.

É em meio a esse conflituoso choque de valores e não-valores que se produz e reproduz o indivíduo do cotidiano e o ser “humano-genérico” do não-cotidiano, sendo que essas também são esferas da realidade social histórica. Por conseguinte, a reprodução da sociedade decorre desse processo produtivo não finalístico, diante das alternativas históricas reais, quando o homem produz as possibilidades da sua própria essência, elevando-se ao “humano-genérico” para-si, por meio de sua hominização em esferas superiores ao reino animal, realizando possibilidades específicas, que nada tem a ver com um estranho plano teleológico arquitetado por um ser superior, mas sim, com a possibilidade de um subsequente desenvolvimento de valores nas esferas da sociedade – cotidianas e não-cotidianas - que dão sentido a história (HELLER, 2004, p. 15, apud MENDES E HORN, 2015, p. 6292).

Os valores são consequência da ética, que serve como uma intimação ao humano-genérico. Essa intimação ao fazer o movimento para a particularidade se representa como motivação individual. Como explica Heller (2014, p. 14)

“Os conflitos extremos e puramente morais se produzem nos casos em que a motivação moral torna-se determinante e seu impulso, sua finalidade e seu objeto são entendidos como instrumento de elevação do humano-genérico”.

Nessa dialética, o indivíduo possui como característica a unidade que decorre de ele ser a síntese entre a particularidade e a genericidade, produzindo uma “individualidade unitária”. Porém, conforme o maior grau de particularidade, maior o afastamento do indivíduo com a comunidade – que, abstratamente, seria a representação coletiva do humano-genérico.

Num contexto de sociedade capitalista contemporânea, a vida cotidiana coloca em conflito a particularidade e a genericidade, sendo comum esta ficar submetida àquela.

Com isso, aumentam as possibilidades que tem a particularidade de submeter a si humano-genérico e de colocar as necessidades e os interesses da integração social a serviço dos afetos, dos desejos, do egoísmo do indivíduo. (HELLER, 2014, p. 38)

Nessa condição, é no cotidiano que se pode facilmente capturar os indivíduos fiéis aos seus afetos e desejos para se tornarem consumidores alienados.

O cotidiano como território da alienação

“A vida cotidiana, de todas as esferas da realidade, é aquela que mais se presta à alienação” (HELLER, 2014, p. 57).

As atividades da vida cotidiana podem ser separadas entre o trabalho, a família e o lazer. Lefebvre atenta para o fato de que a alienação, nesse escopo, não se restringe ao trabalho. O modo de exploração capitalista atinge todas as esferas da vida cotidiana. Ou seja, não somente desapropria do trabalhador os seus meios de produção – e, conseqüentemente o torna estranho ao seu produto – como separa o próprio ser da sua existência. Esta separação – ou alienação – transborda do universo do trabalho e perpassa toda a sociedade.

Lefebvre (1958) critica a vida cotidiana em cinco esferas: a crítica à individualidade, às mistificações, ao dinheiro, às necessidades e ao trabalho, todas no âmbito da alienação - que as perpassa. A primeira se relaciona com a

(rarefeita) consciência pública pela substituição à consciência privada. A fragmentação da sociedade – consequente da divisão do trabalho – limita a percepção da totalidade social. O indivíduo, então, se aliena – no sentido de estar alheio – à sociedade. Como a realidade é social, a consequência dessa forma de alienação é privação individual da própria realidade. Conforme Lefebvre (1947, p. 149) “When an individual life is shaped by individualistic tendencies, it is literally a life of 'privation', a life 'deprived': deprived of reality, of links with the world - a life for which everything human is alien.”.

A crítica às mistificações é consequência da primeira, pois decorre da privação à realidade concreta para uma consciência mistificada da realidade.

Quanto ao dinheiro, tendo em vista a alienação como o domínio da criatura sobre o criador, dentro do modo de exploração capitalista moderno é notável o domínio do dinheiro sobre o indivíduo. A finalidade da moeda enquanto meio de troca se deteriora em relação a uma nova finalidade que é a da mera acumulação capitalista. É pertinente ao cotidiano, pois é no presente imediato e na reprodução diária que se concretiza a necessidade do dinheiro.

Dessa necessidade (forjada) deriva-se a quarta crítica: a das necessidades. O êxito do capitalismo depende da repetição do ciclo cotidiano de trabalho – consumo, motivado por necessidades não obrigatoriamente *necessárias* no sentido da reprodução da existência humana. Essas necessidades forjadas são exaltadas pela publicidade no tempo de lazer – ou de não-trabalho. Ou seja, nessa crítica fica claro o não confinamento da alienação no âmbito do trabalho. Esta adentra o lazer, e tem como finalidade no capitalismo a manutenção do seu ciclo vital.

“every effort is made to create fictitious, artificial, imaginary needs. Instead of expressing and satisfying real desires, and of transforming 'crude need into human need', the capitalist producer inverts the course of things. He starts with the object which is the simplest or the most lucrative to produce, and endeavours - mainly through advertising - to create a need for it.” (LEFEBVRE, 1947, p. 162).

Por fim, a crítica ao trabalho se dá em diversos aspectos. O primeiro, pela questão da apropriação dos meios de produção pelo capitalista, que desvincula o trabalhador de seu produto, criando um estranhamento entre aquilo que é produzido e quem o produziu. Além disso, a divisão do trabalho, conforme Lefebvre (1947) destaca, descaracteriza o teor social do trabalho,

criando uma impressão de individualidade nas tarefas. Que, conseqüentemente, objetifica o trabalhador que passa a ser não mais um indivíduo parte de uma sociedade, mas uma “força de trabalho”, quantificável e negociável no mercado de trabalho.

Dessa forma, o cotidiano, como dimensão do espaço em que se vive, se produz e se pensa, é programado e planejado de forma subserviente aos interesses do capital. No momento de lazer, ou no não-trabalho, o indivíduo está submetido ao consumo da produção capitalista. Na repetição dessa programação cotidiana o indivíduo vive num espaço modelado – pelo Estado e pelo capital – num ciclo de trabalho, consumo e necessidades forjadas.

Alienação, manipulação e conformismo engrenam esse ciclo que serve ao interesse do capital e que encontra, no cotidiano, a força que mantém o ciclo ativo. Porém, como destaca Lefebvre, o cotidiano é não só o lugar da alienação, mas também do possível-impossível. E a partir dele que podem surgir momentos de descontinuidade e ruptura da rotina programada e de revoluções dos paradigmas estabelecidos e repetidos na cotidianidade, levando a transformações efetivas na vida social.

Suspensão do cotidiano: momentos de ação-revolução

“A consciência da infelicidade supõe a possibilidade de outra coisa (de uma vida diferente) além da existência infeliz.” (LEFEBVRE, 1991, p. 216).

O cotidiano, por ser o meio do vivido, não é estável e alheio a tensões. Ao contrário, mesmo na repetição de atividades programadas e alienadoras, como o trabalho, o cotidiano é fonte de contradições. A reprodução social não ocorre de forma inerte. Forças se tensionam e, por mais que na maior parte do tempo o presente seja rotineiro e regado de repetições cotidianas, eventualmente as forças agem sobre o cotidiano levando este a breves descontinuidades.

Esses momentos de fissura do cotidiano definem mudanças que potencialmente são incorporadas nas estruturas sociais quando se retorna à práxis cotidiana. O momento nasce do cotidiano e no cotidiano e dele absorve sua essência para então retornar ao cotidiano e (potencialmente) modificá-lo.

De acordo com Lefebvre (1961, p. 351) “The moment is born of the everyday and within the everyday. From here, it draws its nourishment and its substance; and this is the only way it can deny the everyday.”

O momento é consequente do instante de uma consciência de frestas que aparecem no cotidiano, originadas por tensões e contradições. Esses momentos são explorados por Heller (2014) como suspensões do cotidiano, que têm o potencial de alterar a percepção do indivíduo sobre a sua cotidianidade que, ao retornar da suspensão volta modificado. Ou seja, o momento tem o potencial de transformar uma fresta em uma fissura do cotidiano.

Para Heller, os momentos de suspensão do cotidiano são aqueles em que o homem se abstrai ao humano-genérico. Essa suspensão tem potencial de ser uma (ainda que breve) superação da alienação do cotidiano. São momentos de tomada de consciência.

Martins (1998, p. 5) destaca tanto o momento de Lefebvre quanto a suspensão de Heller como formas que evidenciam a descontinuidade do cotidiano, que se configuram como interpretações dialéticas, as quais se refere Kosik.

“Essas descontinuidades também são constatadas pelas interpretações dialéticas. Ainda que de outro modo, não é delas que nos fala a teoria da alienação? Não é delas que nos fala Karel Kosik quando proclama a cisão da práxis (e da consciência) em práxis utilitária cotidiana e práxis revolucionária? (cf. Kosik, 1976)”.

Essas interrupções do cotidiano programado são as aberturas para o tempo do *possível*. As possibilidades da práxis revolucionária ilustram o que Lefebvre quis dizer ao falar do cotidiano enquanto o lugar do possível-impossível.

Considerações Finais

A vida cotidiana é onde efetivamente vivemos, é a expressão do presente resultante de toda uma trajetória histórica. Se, por um lado, é o lugar mais “prestativo” à alienação e à reprodução do modo de exploração capitalista, é, também, o único lugar onde a vida se efetiva e então o palco de possíveis transformações.

A capacidade humana de imaginar outras possibilidades só se realiza dentro da realidade em que se vive, a partir dos valores e costumes assimilados pelo adulto. A inconformidade surge do descontentamento com as condições em que a vida se apresenta. E é a partir destas e nestas que insurge a mudança.

A partir das contribuições de Lefebvre e Heller, ambas em diálogo com o subsídio marxiano, podemos inferir diferentes perspectivas de futuro portadores da emancipação do atual sistema – planejador, programador e alienador – capitalista.

Se o cotidiano se apresenta enquanto lócus da reprodução dos valores do atual modo de exploração é nele também em que a práxis revolucionária acontece. Porém, como bem explicita Heller (2014, p. 61) “A condução da vida não pode converter-se em possibilidade social universal a não ser quando for abolida e superada a alienação”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HELLER, Agnes. O cotidiano e a História. 10 ed. Rio de Janeiro: paz e terra, 2014.

LEFEBVRE, Henri. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo: Ática, 1991.

LEFEBVRE, Henri. Critique of everyday life. Vol 1. London: Verso, 1991 (1947).

LEFEBVRE, Henri. Critique of everyday life. Vol 2. London: Verso, 2002 (1961).

MARTINS, José de Souza. O senso comum e a vida cotidiana. *Tempo social*, v. 10, n. 1, p. 1-8, 1998.

MENDES, A., HORN, G. A vida cotidiana e a constituição do humano-genérico na filosofia marxista-helleriana. In: XII Congresso Nacional de Educação, 2015, Curitiba. *Anais do Congresso*. Curitiba: PUCPR, 2015. p. 6285-6298.